

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO

Campus Belo Jardim
Licenciatura em Música

JOSÉ EDUARDO DE ARRUDA VIANA

**A IGREJA EVANGÉLICA E A LICENCIATURA COMO ESFERAS DE
EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA**

BELO JARDIM
2022

JOSÉ EDUARDO DE ARRUDA VIANA

**A IGREJA EVANGÉLICA E A LICENCIATURA COMO ESFERAS DE
EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Belo Jardim, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Bernardina Santos Araújo de Sousa

BELO JARDIM

2022

Dados Internacionais de Catalogação - CIP

V614i Viana, José Eduardo de Arruda

A igreja evangélica e a licenciatura como esferas de experiências na formação de professores de música / José Eduardo de Arruda Viana. – Belo Jardim-PE, 2022.

35f.: il. ; 29 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Belo Jardim - PE, 2022.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bernardina Santos Araújo de Sousa.

Inclui referências.

1. Música - ensino. 2. Formação musical. 3. Influência musical. 4. Educação musical. I. Título. II. Sousa, Bernardina Santos Araújo de. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.

CDD 780

JOSÉ EDUARDO DE ARRUDA VIANA

**A IGREJA EVANGÉLICA E A LICENCIATURA COMO ESFERAS DE
EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA**

Trabalho aprovado. Belo Jardim, 15/06/2022

Bernardina Santos Araújo de Souza - Professora Orientadora e Presidenta da Banca

Robson Rodrigues Ribeiro- Coorientador/ Avaliador Interno

Tatiana Alves de Melo Valério - Avaliadora Interna

Vanessa Cavalcantie de Torres - Examinadora Externa - AEB/FBJ

BELO JARDIM
2022

RESUMO

Existem poucos centros de formação musical em nossa sociedade, tendo em vista que o Estado pouco investe nessa área. Nesse sentido, a musicalização passa a ser feita por bandas musicais e igrejas evangélicas que, para promoverem um maior dinamismo de seus membros para com a instituição religiosa, trabalham e desenvolvem projetos musicais a fim de incentivar o crescimento da congregação, sendo esse espaço um gerador de conhecimentos que acabará contribuindo para os cursos superiores ou irá demarcar fronteiras que serão incompatíveis com as instituições de ensino superior. É nesse contexto que buscamos entender a igreja evangélica e a licenciatura em música como esferas de experiências de formação musical, visibilizando as rupturas e continuidades promovidas pela igreja a alunos do Curso de Licenciatura em Música do Instituto Federal de Pernambuco, Campus Belo Jardim, a partir dos relatos de estudantes, que mostrará, parcialmente, a porcentagem de alunos oriundos de igrejas evangélicas e suas experiências de formação musical. Desse modo, buscaremos compreender quais os aspectos da formação do curso de Licenciatura em Música do IFPE, Campus Belo Jardim são compatíveis com aspectos da formação musical, religiosa e doutrinária dada em igrejas evangélicas, e quais geram um estado de tensão nos alunos. Nesse contexto relacional, marcado por aproximações e distanciamentos, buscamos entender compatibilidades, incompatibilidades e tensões, bem como as possíveis causas de rupturas com alguns desses ambientes.

Palavras-chave: Igrejas Evangélicas; Licenciatura em Música; Fronteiras; Rupturas; Continuidades; Esferas de Experiência.

ABSTRACT

There are few musical training centers in our society, given that the State invests little in this area. In this sense, musicalization starts to be done by musical bands and evangelical churches that, in order to promote a greater dynamism of their members towards the religious institution, work and develop musical projects in order to encourage the growth of the congregation, being this space a generator knowledge that will end up contributing to higher education courses or will demarcate borders that will be incompatible with higher education institutions. It is in this context that we seek to understand the evangelical church and the degree in music as spheres of experiences of musical formation, making visible the ruptures and continuities promoted by the church to students of the Degree in Music of the Instituto Federal de Pernambuco, Campus Belo Jardim, from of student reports, which will show, in part, the percentage of students coming from evangelical churches and their musical training experiences. In this way, we will seek to understand which aspects of the formation of the Licenciature in Music course at IFPE, Campus Belo Jardim are compatible with aspects of musical, religious and doctrinal formation given in evangelical churches, and which generate a state of tension in the students. In this relational context, marked by approximations and distances, we seek to understand compatibilities, incompatibilities and tensions, as well as the possible causes of ruptures with some of these environments.

Keywords: Evangelical Churches; Degree in music; Borders; ruptures; Continuities; Experience Spheres.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	8
3. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	11
4. APRESENTAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA DO IFPE, CAMPUS BELO JARDIM.....	12
5. DIÁLOGOS COM OS DADOS EMPÍRICOS_ QUESTIONÁRIOS.....	12
5.1 A predominância masculina no curso de licenciatura em música do IFPE, Campus Belo Jardim.....	12
5.2 Porcentagem de alunos que tiveram suas origens musicais na igreja.....	13
5.3 A diversidade doutrinária das igrejas evangélicas.....	14
5.4 As igrejas evangélicas como centros de experiências musicais.....	16
5.5 Cursos na área musical oferecidos pelas igrejas evangélicas.....	18
5.6 As igrejas evangélicas e os grupos musicais.....	19
5.7 O incentivo para seguir carreira musical.....	21
6. DIÁLOGOS COM OS DADOS EMPÍRICOS _ ENTREVISTAS.....	22
6.1 Perfil das pessoas entrevistadas.....	22
6.2 Fronteiras denominacionais.....	24
6.3 Fronteira pessoal.....	28
6.4 Tensões sutis e continuidades proporcionadas por igrejas evangélicas.....	30
6.5 Aproximações e distanciamentos nos perfis dos entrevistados.....	31
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

A IGREJA EVANGÉLICA E A LICENCIATURA COMO ESFERAS DE EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA

José Eduardo de Arruda Viana¹

Bernardina Santos Araújo de Sousa²

1. Introdução

O presente trabalho surgiu de uma observação feita pelo primeiro autor com relação a formação inicial em música de alguns de meus colegas do curso de Licenciatura em música no IFPE, campus Belo Jardim. Partindo dessas observações, pude perceber que muitos dos integrantes do curso tiveram parte, senão toda formação musical inicial, em alguma igreja evangélica. A partir disso, surgiu uma curiosidade em descobrir quais seriam os impactos e contribuições desse campo experiencial no ingresso desses estudantes no curso superior de música de Belo Jardim e de qual forma isso se dava, tendo em vista que também tive minha musicalização em igrejas evangélicas. Nesse sentido, o trabalho propõe construir entendimentos sobre a movimentação de músicos nesses dois campos experienciais: igreja evangélica e curso superior de música.

Contextualizando minha própria trajetória como músico, lembro-me que desde criança eu era apaixonado pela música, gostava de ver as pessoas tocando e, a partir dessas vivências, surgiu dentro de mim o sonho de aprender música. Porém, na cidade em que eu vivia, isso era algo muito difícil, tendo em vista a falta de oportunidades, seja em relação à professores, seja a recursos financeiros.

Na adolescência, a igreja que eu congregava já tinha um grupo de louvor, porém bem pequeno. Nessa época eu iniciei o estudo do violão em um projeto social da cidade. Todavia esse projeto não durou muito, não sei bem o motivo. Foi ainda nessa época que fui chamado para tocar no grupo de louvor da igreja que eu congregava, e isso trouxe um crescimento musical imenso para mim, pois além de ter me instigado a estudar, forçava-me a pegar as músicas de ouvido, haja vista que nem sempre as músicas eram ensaiadas. Portanto esse grupo de louvor foi uma escola para mim.

Ainda na minha adolescência, um músico vindo do Rio de Janeiro chegou à igreja que eu congregava e começou a dar aulas de musicalização. O valor a ser pago era pequeno, então

¹ Aluno concluinte do Curso de Licenciatura em Música do IFPE Campus Belo Jardim.

² Professora Doutora orientadora do presente TCC.

eu comecei a estudar tanto os aspectos teóricos, quanto os práticos da música. Nessa época eu ainda não tinha condições financeiras para comprar um instrumento musical, então esse professor comprou alguns instrumentos com o dinheiro da mensalidade das aulas. Em pouco tempo, uma orquestra estava se formando na igreja, e cada vez mais pessoas vinham estudar música para participar dessa orquestra.

Com a quantidade de alunos aumentando, o professor de música se viu na necessidade de pedir ajuda para atender a todos os alunos, e solicitou a minha e de mais alguns alunos para que nós déssemos aula, e foi dessa forma que eu me iniciei no ensino da música. Também foi a partir disso que surgiu dentro de mim a vontade de seguir carreira musical e de lecionar.

A igreja evangélica foi de suma importância para a minha musicalização e para que eu pudesse seguir carreira musical. Assim como eu, muitos outros alunos do IFPE, Campus Belo Jardim, como pude bem notar na convivência durante o curso e constatado nesta pesquisa, tiveram uma parte significativa de sua formação e um estímulo a seguir carreira musical nas igrejas evangélicas. Portanto, este trabalho visa examinar a contribuição das igrejas evangélicas para o curso de música do IFPE, Campus Belo Jardim, bem como apontar o que os alunos tiveram que abrir mão para prosseguir a sua carreira musical e ainda os movimentos que eles fizeram para se adaptar a sua nova realidade como aluno de ensino superior.

Nesse contexto, iremos descrever as experiências de formação musical em igrejas evangélicas de pessoas do curso de Licenciatura em Música do IFPE, Campus Belo Jardim, apresentaremos a porcentagem de alunos do curso que tiveram contribuição das igrejas em sua formação musical inicial, além de apontar desencontros ocasionados pela incompatibilidade de determinados meios evangélicos com o curso de música.

Desse modo, buscaremos compreender quais os aspectos da formação do curso de Licenciatura em Música do IFPE, Campus Belo Jardim, são compatíveis com aspectos da formação musical, religiosa e doutrinária dada em igrejas evangélicas. Nesse contexto relacional, marcado por aproximações e distanciamentos, buscamos entender as compatibilidades, incompatibilidades e tensões, bem como as possíveis causas de rupturas com alguns desses ambientes acima mencionados.

O presente trabalho começará com uma revisão bibliográfica, aonde iremos nos situar dentro do campo de estudo existente. Após essa revisão, prosseguiremos tratando da metodologia, onde apresentaremos a forma como os dados foram coletados, tanto do questionário quanto das entrevistas. No terceiro momento, apresentaremos os dados do questionário, buscando compreender o perfil do(a) estudante; se ele(a) teve sua formação inicial em igrejas evangélicas, qual o período cursado, qual a contribuição das igrejas

evangélicas para a sua formação etc. Logo após a apresentação desses dados, analisaremos as entrevistas feitas com alguns alunos selecionados a partir dos questionários, baseados no critério das diferenças de período que estava cursando na Licenciatura e que se dispuseram para essa entrevista. Por fim, traremos uma conclusão desse trabalho segundo a análise dos dados obtidos nas entrevistas e formulários.

2. Revisão de Literatura

Toda iniciação musical acontece em um ambiente formal ou não formal. Bem sabemos que o Estado pouco investe na formação musical do indivíduo, com a ausência de um ensino musical efetivo nas escolas brasileiras (FAVARO apud FREITAS, 2008). Porém, ainda que escasso, há espaços importantes para a musicalização e que contribuem alimentando a área acadêmica musical, formando, incentivando e abrindo espaços para a atuação de músicos (LIBÂNEO apud FREITAS, 2008). Nesse entendimento, afirma-se que a musicalização passa a ser feita por outros ambientes e, dentre esses, encontram-se os espaços religiosos, mais especificamente as igrejas evangélicas.

Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010³, houve um crescimento de evangélicos no Brasil e, com esse aumento, também se torna mais abrangente a influência das igrejas evangélicas na sociedade. Uma área de considerável expressão, com relação a essa atuação, é na musicalização de seus integrantes, que atua com uma educação musical intencional e não intencional.

A educação musical não intencional acontece quando os adeptos aprendem música cantando junto com a congregação, batendo palmas etc. e, dessa forma, não se tem a intenção de formar músicos (WEINGÄRTNER; MÜLLER, 2019; KERR apud FREITAS, 2008). De outro modo, é possível aprender de forma intencional, quando as igrejas dispõem de aulas de músicas com o intuito de formar músicos para a atuação na banda/orquestra da própria igreja (FREITAS, 2008). Assim, podemos afirmar que muitos músicos que atuam em âmbito musical tiveram a sua formação inicial em igrejas evangélicas (SOUZA, 2014), trazendo um incentivo aos seus músicos e musicistas, a fim de que continuem seu aprendizado musical em

³ Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 27.05.2022.

escolas de música de nível básico, técnico e, em muitos os casos, no ensino superior (SOUZA, 2014; FREITAS, 2008).

As igrejas evangélicas também atuam, em considerável parte das vezes, no desenvolvimento da prática em conjunto, o que gera um aprendizado mediado pela troca de experiências, a exemplo das pessoas estarem tocando/cantando juntas, misturando-se músicos experientes com aqueles iniciantes (FREITAS, 2008). Nesse contexto de construção de experiências musicais, em razão do professor não dar conta em atender sozinho às demandas de alunos que querem aprender música, recorre-se àqueles que já possuem um aprendizado avançado para que acompanhem aos que estão iniciando, passando, esses, a atuarem como monitores. Essa prática também pode ser observada nas bandas de música, e essa iniciativa acaba gerando incentivo à carreira docente na área de música (TRAVASSOS, 1999; LIMA, 2012; BASTOS *apud* FREITAS, 2008).

Estudos nesse campo, como TRAVASSOS, 1999; TRAVASSOS *apud* FONTOURA; SILVA, 20--; PENHA, 2019; LIMA, 2012, tendem a afirmar que o ensino de música nas igrejas evangélicas tem influenciado a formação de músicos e musicistas noutros espaços de formação, como a formação técnica, além de alimentar o meio musical acadêmico.

Nesse sentido, examinaremos experiências vividas por licenciandos, vinculados a igrejas evangélicas, no sentido de buscar entender os elementos comuns, que coexistem, que são convergentes entre os campos de experiência musical religiosa e acadêmica, além de visibilizar as tensões e ambivalências identificadas no rito de passagem entre esses diferentes campos experienciais (igreja/licenciatura em música).

Assim sendo, utilizaremos o campo teórico-metodológico da Psicologia sociocultural das trajetórias de vida de Zittoun (2016), observando que a capacidade das pessoas pensarem é resultado das diversas esferas de experiência. Para Zittoun (2016), “uma esfera de experiência é uma configuração de experiências, atividades, representações e sentimentos, recorrentemente ocorrendo em um determinado tipo de configuração social (material e simbólico)” (p.3). Para ela, diversas esferas de experiências podem ocorrer em uma mesma situação. Por exemplo, uma pessoa ao estar estudando alguma matéria do curso superior de música (uma esfera de experiência) e começar a cantarolar uma música de sua congregação religiosa (outra esfera de experiência) (ZITTOUN, 2016).

O diálogo será mantido a partir de estudos teóricos apontados por Marsico e Tateo (2017), tomando-se experiências construídas pelos sujeitos músicos da igreja e licenciandos

em música, observando-se, por meio das suas narrativas, os seguintes aspectos: 1- fronteira e movência; 2- Sentidos que coexistem, tensões e ambivalências, localizadas no discurso das pessoas entrevistadas.

No que se refere às fronteiras, Marsico e Tateo (2017) contribuíram com essa discussão, asseverando que são locais de possibilidades e delimitações do “eu”. Acerca desse pensamento, destacamos a citação abaixo apresentada:

Quando alguém identifica diferenças e cria distinções entre os indivíduos, grupos, coisas ou eventos, também se cria automaticamente limites que se referem a tais distinções e define o terreno para a ação humana, determinando respectivos pertencimentos (p. 5).

Nessa perspectiva teórica, a esses limites criados para distinguir o terreno da ação humana, dá-se o nome de fronteira. Essas fronteiras “não são tão fixas quanto parecem [...] estão em movimento, elas são móveis e fazer e desfazer fronteiras é só uma questão de tempo” (DAVIES *apud* MARSICO; TATEO, 2017, p. 4).

Ainda segundo Marsico e Tateo (2017), o “eu” se desenvolve no campo de tensão entre posicionamentos diferentes. Esses campos são resultantes de posições e contraposições numa sociedade cheia de poder, quando sistemas de valores promovem oportunidades e restrições para o desenvolvimento do eu, sendo esses valores estabelecidos por instituições sociais e tradições históricas.

Marsico e Tateo propuseram uma perspectiva de entendimento do “eu” a partir da tensegridade. Isto é, o equilíbrio é uma tensão dinâmica (MARSICO; TATEO, 2017, p.3). Podemos ver esse movimento ainda nas pessoas com múltiplas identidades, que “se deparam com obstáculos para se mover livremente entre uma variedade de posições intermediárias que melhor se adaptam à sua experiência pessoal” (HERMANS *apud* MARSICO; TATEO, 2017, p. 5). Para que haja esse movimento entre posições ambivalentes, o indivíduo acabará cruzando algumas fronteiras e, dessa forma, redefinindo-a, pois “qualquer cruzamento também é uma nova fronteira” (MARSICO; TATEO, 2017, p.2).

Para a análise dos dados obtidos, tomaremos como fundamentação metodológica a Psicologia sociocultural do curso de vida, de Tânia Zittoun (2016), onde buscaremos entender como os participantes, alunos da licenciatura em música, percebem sua formação musical inicial em ambientes religiosos, destacando, na movência dada entre a esfera religiosa e a acadêmica, as rupturas e continuidades. Nesse contexto analítico, o diálogo será estabelecido em torno das categorias: a) esferas de experiência (ZITTOUN, 2016), b) fronteira e movência;

c) rupturas e continuidades (MARSICO; TATEO, 2017), tomando como referência as trajetórias de vida de licenciandos oriundos de igrejas evangélicas, observando-se a unicidade da pessoa (ZITTOUN, 2016).

Também iremos descrever as esferas de experiência dos estudantes a partir dos perfis traçados por Travassos (2002), buscando compreender a escolha do curso através de fatores como: perfil socioeconômico, cultural e religioso.

3. Trajetória metodológica

Os dados que serão apresentados foram coletados por meio de um Formulário Google, enviado via Whatsapp para um grupo do curso de Licenciatura em Música do IFPE, Campus Belo Jardim, no período de julho a setembro de 2021. O formulário também foi enviado para grupos menores, geralmente formados por alunos de uma determinada disciplina, ou, ainda, enviado individualmente para algumas pessoas. Dentre os 58 estudantes matriculados na Licenciatura em Música no semestre 2021.1, 28 responderam ao formulário.

O formulário apresentava duas partes, sendo a primeira de perguntas relacionadas ao período que a pessoa está cursando na Licenciatura em Música e se ela considerava que alguma igreja evangélica teve participação na sua formação musical. Se a resposta a esta última pergunta fosse não, o questionário se encerrava. Caso a resposta fosse sim, a pessoa seria redirecionada para a segunda parte do formulário, onde responderia perguntas acerca de suas experiências na igreja e de que forma ela teve participação na formação musical do entrevistado.

Após a coleta de dados com esses formulários, foram selecionados cinco alunos, sendo dois deles do mesmo período e três de períodos diferentes, na qual um já estava concluindo. Dentre os selecionados, obtive resposta de quatro, os quais se dispuseram a responder algumas perguntas concernentes ao meu trabalho de pesquisa. As entrevistas foram realizadas via Google Meet, e gravada por um programa de gravação em um computador, com o nome do programa sendo OBS Studio. Cada participante respondeu de cinco a oito perguntas, sendo algumas questões gerais; perguntas que foram feitas para todos os participantes, e questões mais específicas; aquelas que surgiram durante o questionário enviado para eles. Algumas dessas perguntas foram estabelecidas antes da gravação, e outras foram feitas no desenrolar da entrevista.

No decorrer do trabalho foram surgindo algumas questões, as quais fizeram ser necessário contactar novamente os entrevistados anteriormente selecionados para responder, sendo esta nova entrevista feita através de áudios via Whatsapp.

4. Apresentação do curso de licenciatura em música do IFPE, Campus Belo Jardim

O curso de música do Instituto Federal de Pernambuco, Campus Belo Jardim, é uma licenciatura que visa gerar profissionais no ensino da música, considerando a formação para a docência com ênfase num instrumento. Situado em Belo Jardim, agreste de Pernambuco, o curso de música dispõe de uma estrutura voltada para a formação de professores, com cadeiras que vai desde a capacitação docente até ao profissional da música, voltado para o estudo da música popular, possuindo, até o momento da solicitação dos dados dessa pesquisa, aproximadamente 60 estudantes. Dispõe de uma diversidade de instrumentos musicais, tais como: violão, guitarra, flauta transversal, trompete, trombone, clarinete, saxofone, canto e bateria. Também existem alguns projetos na área da performance instrumental, como a Banda Sinfônica José Vieira de Sousa e a Big Band IFPE Belo Jardim, além de projetos voltados à área da pesquisa. É nesse espaço que buscamos compreender as continuidades e rupturas promovidas pelas igrejas evangélicas e licenciatura em música em estudantes do curso de Licenciatura em Música do IFPE, Campus Belo Jardim.

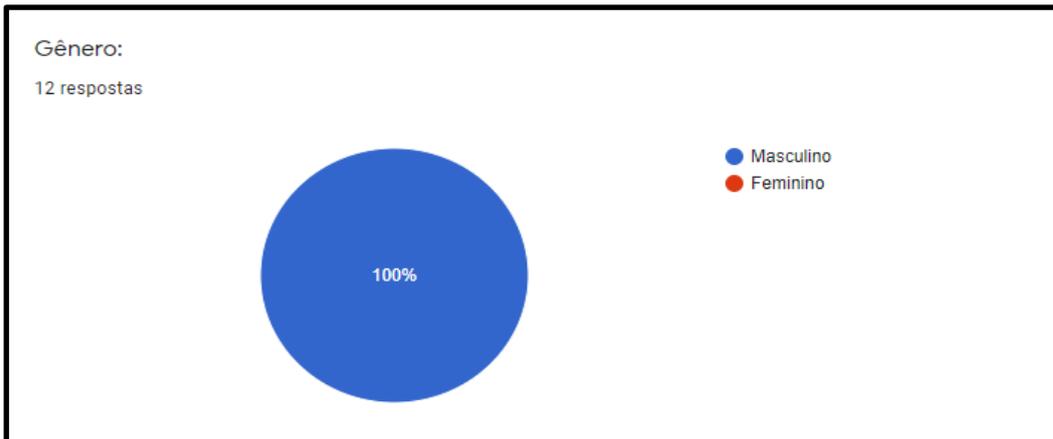
5. DIÁLOGOS COM OS DADOS EMPÍRICOS_ QUESTIONÁRIOS

5.1 A predominância masculina no Curso de Licenciatura em Música do IFPE, Campus Belo Jardim

Foi solicitado da coordenação de música do IFPE, Campus Belo Jardim, no dia 22 de junho de 2021, uma lista contendo o nome dos estudantes do curso que estão ativos. A partir da observação dessa lista, constatamos que dentre os 58 estudantes ativos no curso, 49 (84,4%) deles são do sexo masculino, enquanto 9 (15,5%) são do sexo feminino.

A figura a seguir mostra o gênero das pessoas que declararam que a igreja teve participação em sua formação musical inicial:

Figura 1: Gênero das pessoas que declararam influência da igreja em sua formação



Fonte: Elaboração do próprio autor

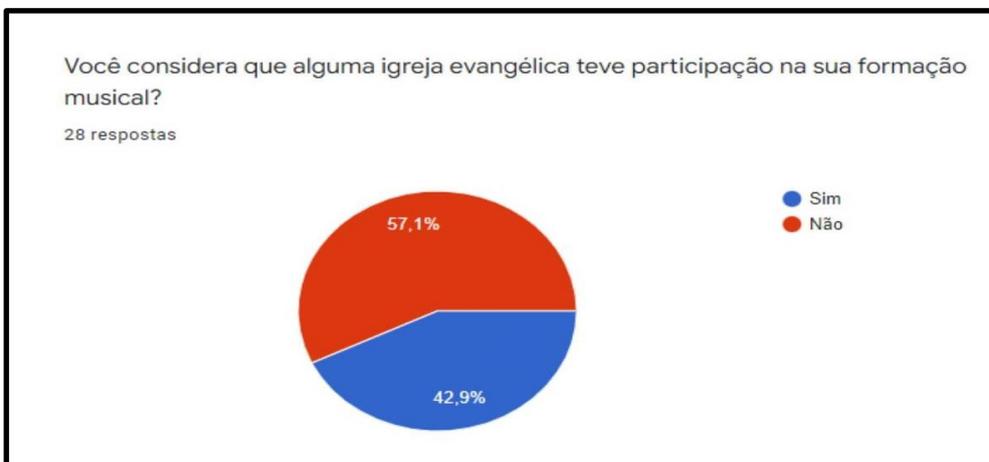
Dentre as pessoas que responderam ao questionário declarando influência da igreja, observamos uma predominância masculina. Do total de 58 estudantes, obtivemos resposta de 28 deles, sendo 12 o número de pessoas que responderam que a igreja teve influência na sua formação musical. Ou seja, 100% das respostas obtidas de pessoas que consideram que a igreja teve influência em sua formação musical foram do sexo masculino.

No questionário era possível se identificar ou se manter em anônimo. Dentre as pessoas que se identificaram, não obtivemos resposta de pessoas do sexo feminino para o questionário.

5.2 Porcentagem de alunos que tiveram suas origens musicais na igreja

Dentre os 28 participantes da pesquisa, pudemos constatar que 42,9% dos entrevistados consideram que a igreja teve influência em sua formação musical:

Figura 2: Pessoas que consideram que a igreja teve participação de sua formação



Fonte: Elaboração do próprio autor

Embora não seja 42,9% sobre o total de alunos do curso, já é um número bem expressivo (20,6% sobre o total) se levado em consideração outros espaços de formação musical inicial, como por exemplo: bandas, orquestras, conservatórios, centros técnicos em música etc.

Resultados destacando a formação musical inicial tendo ocorrido na igreja evangélica foi observado também na educação superior em música por Travassos (2001):

Dentre os estudantes de música pela UNIRIO, pelo menos 21% declaram-se protestantes de várias denominações [...]. O percentual é elevado, comparado a outros obtidos na mesma cidade. Suspeito que para além das diferenças na produção das diversas amostragens, o percentual que obtive em um questionário aplicado a 157 alunos da UNIRIO, expressa a quantidade de ‘vocações’ musicais ligadas a confissão religiosa evangélica e a importância do ministério da música nessas igrejas (TRAVASSOS, 2001, *apud* FONTOURA; SILVA, 2009, p.4).

Portanto, a igreja evangélica “oportuniza a muitas pessoas terem sua iniciação musical na igreja através dos cursos livres de teoria musical, canto, regência, práticas instrumentais de orquestra...” (SOUZA, 2014, p. 6), o que, em certa medida, acaba contribuindo com os cursos de música.

5.3 A diversidade doutrinária das igrejas evangélicas

Ao utilizar o termo evangélico, estamos nos referindo às igrejas fruto da reforma protestante. Embora se costume falar em evangélicos como um grupo, há divergências quanto às práticas e modos como analisam as sagradas escrituras. Partindo disso, podemos dividi-las em reformadas, pentecostais e neopentecostais. As igrejas de viés tradicional, também conhecido como reformadas, tem uma proximidade maior com a reforma protestante. Acerca disso, apontamos:

O marco inicial da Reforma Protestante acontece em 31 de outubro de 1517, quando o monge Martinho Lutero afixa suas 95 teses na porta da catedral de Wittenberg. A intenção de Lutero era apontar as falhas e contradições na Igreja Católica. A partir dessa iniciativa, outros líderes promoveram ações que foram consideradas reformistas, como as Reformas Calvinistas, Anglicana e a Anabatista (VALENTIN, 2010, p. 61).

Sobre o conceito de pentecostalidade⁴, é uma “experiência universal que expressa o acontecimento de Pentecoste na qualidade de princípio ordenador da vida daquelas pessoas que se identificam com o avivamento pentecostal” (CAMPOS, 2002, p. 5). Já o neopentecostalismo faz referência a um viés doutrinário que surgiu na década de 1970.

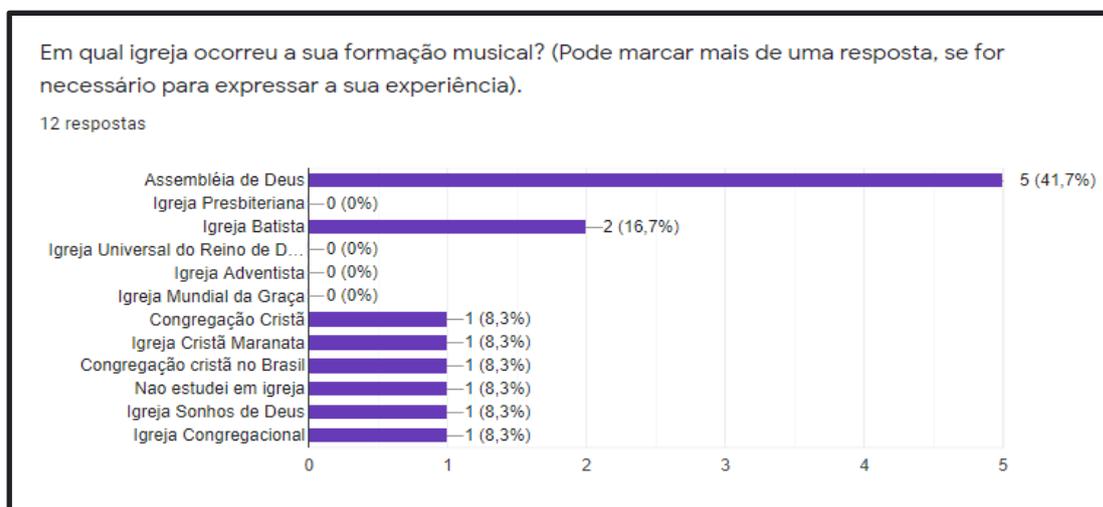
⁴ Esse movimento tem o evento do dia de pentecostes como regra de fé, na qual o “falar em línguas estranhas” seja uma evidência do que aconteceu no Dia de Pentecostes, trazendo isso como um dos princípios de sua crença.

Segundo Moraes (2010), o termo neopentecostal é utilizado por muitos estudiosos para se referir às

[...] igrejas da terceira onda, nascidas a partir da década de 1970, e que teriam como características básicas - apesar da falta de homogeneidade - posturas menos sectárias e ascéticas, uma postura mais liberal e tendências a investir em atividades extra-igreja (MORAES, 2010, p. 2).

As igrejas neopentecostais⁵ são igrejas que se envolvem em atividades empresariais, políticas, culturais, assistenciais etc (MORAES, 2010). Portanto, levando-se em consideração os vieses doutrinários acima mencionados e os dados obtidos nas entrevistas, observamos que temos no curso de Licenciatura em Música, Campus Belo Jardim, mais pessoas que tiveram a sua formação musical em igrejas pentecostais, como mostrado no gráfico a seguir:

Figura 3: Igrejas evangélicas que contribuíram com a formação musical de alunos do IFPE, campus Belo Jardim



Fonte: Elaboração do próprio autor

Acreditamos que o fato da maior parte dos alunos terem tido sua musicalização nas igrejas pentecostais, o que inclui a Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja Sonhos de Deus, Igreja Maranata, podendo ou não ser incluída a Igreja Congregacional⁶, seja porque “o pentecostalismo abriu espaço para o instrumental popular (violão, pandeiro, bateria, triângulo, sanfona, acordeão), o que possibilitou uma identificação forte dos setores mais populares das cidades com a proposta religiosa” (CUNHA, 2004, p. 160).

⁵ Essa vertente do evangelicalismo tem foco nos dons espirituais, onde pregam ensinamentos sobre batalha espiritual, maldições hereditárias, possessão maligna dos corpos etc.

⁶ Alguns setores da Igreja Congregacional começaram a adotar o pentecostalismo, não sendo essa decisão ainda unânime.

A Igreja Assembleia de Deus se destacou nessa pesquisa porque é uma igreja bastante conhecida e a maior igreja pentecostal do mundo, segundo o blog Fronteira Final⁷. Segundo a página, a estimativa é de haver 22,5 milhões de membros no Brasil, no ano de 2009 (MESQUITA, 2011).

5.4 As igrejas evangélicas como centros de experiências musicais

As igrejas evangélicas também se destacam pelas oportunidades que são oferecidas, sobretudo em relação à formação musical da pessoa. Segundo o resultado obtido, as igrejas dispunham de aulas de instrumentos musicais, além de ofertarem cursos teóricos de música, os quais proporcionam uma formação para que os membros das igrejas atuem na própria igreja:

Figura 4: Instrumentos que havia nas igrejas⁸



Fonte: Elaboração do próprio autor

Podemos observar uma situação dicotômica nas igrejas. Embora haja uma variedade de instrumentos musicais oferecidos pelas mesmas, há uma limitação ao que se refere a presença de instrumentos da cultura musical africana⁹ fazendo parte dos cultos, como: ganzá, afoxé, tambor etc. Essa variedade, assim como a limitação, foi trazida pelos missionários

⁷ Disponível em: <<https://fronteirafinal.wordpress.com/2011/07/02/assembleia-de-deus-brasil-maior-do-mundo>>. Acesso em 27 de set. de 2021.

⁸ Nesse gráfico, a mesma pessoa pode ter marcado várias opções, pois a mesma congregação pode ofertar aulas de vários instrumentos ao mesmo tempo.

⁹ Em tradições musicais africanas, o ritmo é muito presente, sendo a música concebida a partir de uma repetição constante de padrões rítmicos. Essa repetição abre espaço para o improviso musical e coreográfico (GRAEFF, 2014).

protestantes, pois durante a vinda deles ao Brasil, “os fiéis católicos passaram a ser convidados a abandonar o ‘paganismo’ e converterem-se ao ‘cristianismo’” (CUNHA, 2004, p.70). Para eles, “a sociedade brasileira encontrava-se em estágio inferior de desenvolvimento devido, em grande parte, aos estreitos vínculos com o catolicismo” (CUNHA, 2004, p.69). Tendo em vista que a cultura brasileira estava intrinsecamente ligada à religião católica, pois o Catolicismo passou a conviver com “os sincretismos e considerando católicas todas as pessoas alcançadas por sua pregação e pelos seus sacramentos” (CUNHA, 2004, p.65), os missionários protestantes

[...] traziam outra linguagem e, junto com a doutrina protestante, pregavam também os seus valores culturais. As ilustrações dos textos didáticos, as vestimentas, a postura do corpo, os instrumentos musicais, a hinologia revelaram estilos peculiares aos norte-americanos (CUNHA, 2004, p.70).

Observamos aqui uma colonialidade do saber musical. Para Maldonato (2007),

[...] a colonialidade do saber tem a ver com o papel da epistemologia e as tarefas gerais da produção do conhecimento na reprodução de regimes de pensamentos coloniais, a colonialidade de ser se refere, então, a experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem (p. 130).

Portanto, observamos resquícios das culturas norte-americana e europeia trazida pelos os missionários protestantes ao Brasil nas igrejas atuais, culturas essas que foram impostas às pessoas que viviam aqui, tidas como inferiores devido ao vínculo com o catolicismo, conforme supracitado (CUNHA, 2004).

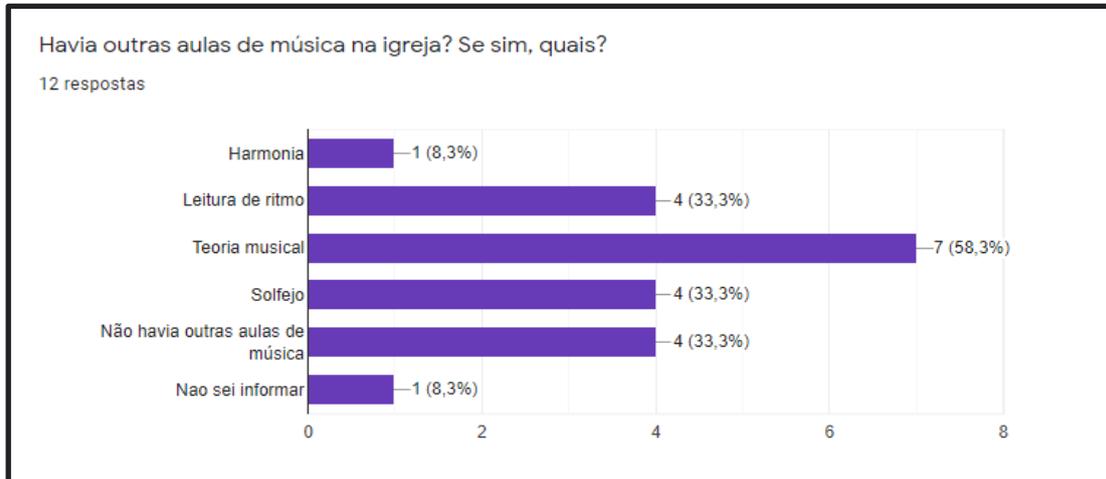
Observa-se, portanto, que as igrejas evangélicas orientam suas práticas, incluindo a prática da música, de acordo com o seu viés doutrinário. Para Libâneo (2001), “[...] as práticas educativas não se dão de forma isolada das relações sociais que caracterizam a estrutura econômica e política de uma sociedade, estando subordinadas a interesses sociais, econômicos, políticos e ideológicos de grupos e classes sociais” (p.9).

As igrejas estabelecem o seu viés doutrinário de acordo com esses diversos fatores sociais e econômicos, e estes influenciam diretamente as práticas musicais na igreja e, por consequência, dos que ingressam no ensino superior e que tiveram sua formação musical nestes ambientes religiosos. E para que isso aconteça, faz-se necessário que as igrejas evangélicas promovam algum grau de formação para os seus membros, podendo ser através de palestras e cursos, sendo um desses cursos o de música.

5.5 Cursos na área musical oferecidos pelas igrejas evangélicas

No gráfico a seguir, observamos os tipos de aulas que eram ofertadas pelas igrejas evangélicas às quais os entrevistados estavam vinculados:

Figura 5: Acerca das aulas de música nas igrejas



Fonte: Elaboração do próprio autor

Percebemos que há uma maior recorrência de cursos de teoria musical, leitura de ritmo e solfejo, pois esses estão preocupados com a formação rápida de músicos para a atuação na igreja. Ou seja, é um ensino mais voltado para o domínio técnico. Tal situação se repete na Assembleia de Deus em Natal/RN:

O pastor Nelson Bezerril, primeiro regente e fundador da banda de música da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Templo Central, tinha a preocupação em passar os seus conhecimentos musicais de teoria musical e solfejo e práticas instrumentais de sopro para os membros da igreja para que pudesse se ter e manter a continuidade do trabalho da banda de música tocando nos cultos e atividades da igreja (SOUZA, 2009, p. 27).

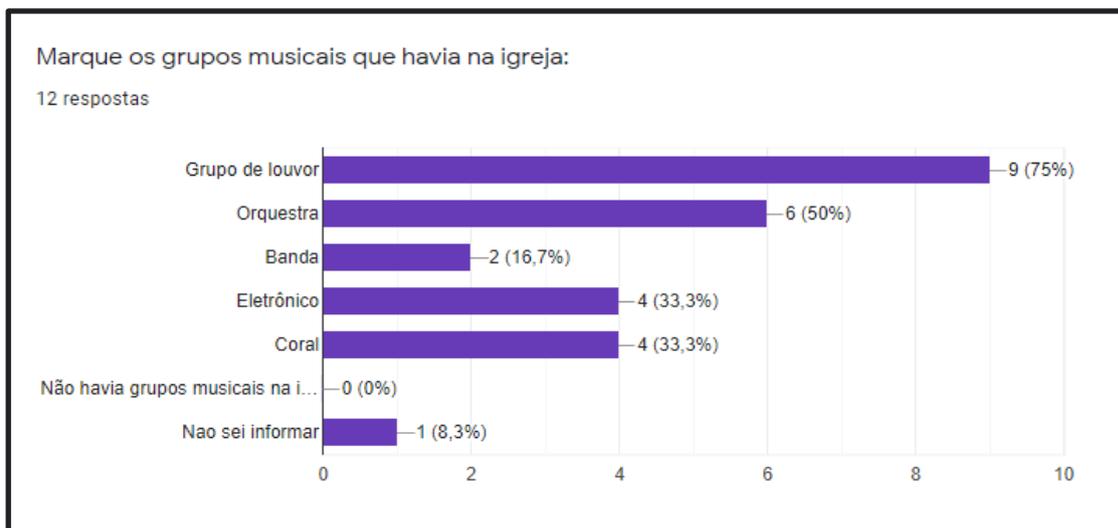
Isso acontece porque formar pessoas críticas na música é um processo demorado e trabalhoso. Além disso, geralmente, as pessoas que ensinam não têm formação musical ou, ainda, são alunos iniciantes na música, colocados para ensinar porque falta um professor ou professora para atender a essa finalidade. Segundo o relato de Lima (2012), o professor de música da congregação que ela fazia parte, por deter um conhecimento limitado, decidiu concluir o curso por achar que não tinha mais nada a acrescentar em suas aulas. Algum tempo depois, era Lima “quem dava aula nas igrejas, em uma organização não governamental e até em uma quadra de samba” (LIMA, 2012, p. 7).

5.6 As igrejas evangélicas e os grupos musicais

O retorno para a igreja, no sentido de propósito de investimento, seria a formação de músicos que integrem uma orquestra, coral ou banda. Ainda segundo Lima (2012), a música “tem sido o principal veículo para se chegar a Deus e conquistar novos adeptos, sendo elemento central e privilegiado nos cultos evangélicos” (p.16).

Pudemos notar uma diversidade de grupos musicais dentre as igrejas que os alunos entrevistados faziam parte:

Figura 6: Grupos musicais que havia nas igrejas



Fonte: Elaboração do próprio autor

Esses grupos musicais oferecem incentivo suficiente para que as pessoas continuem a desenvolver as suas habilidades musicais, além de fornecer um ambiente de treino, pois é o momento em que o seu conhecimento será posto em prática, além de poder aprender com os outros músicos desse grupo. Segundo o relato de Lima (2012),

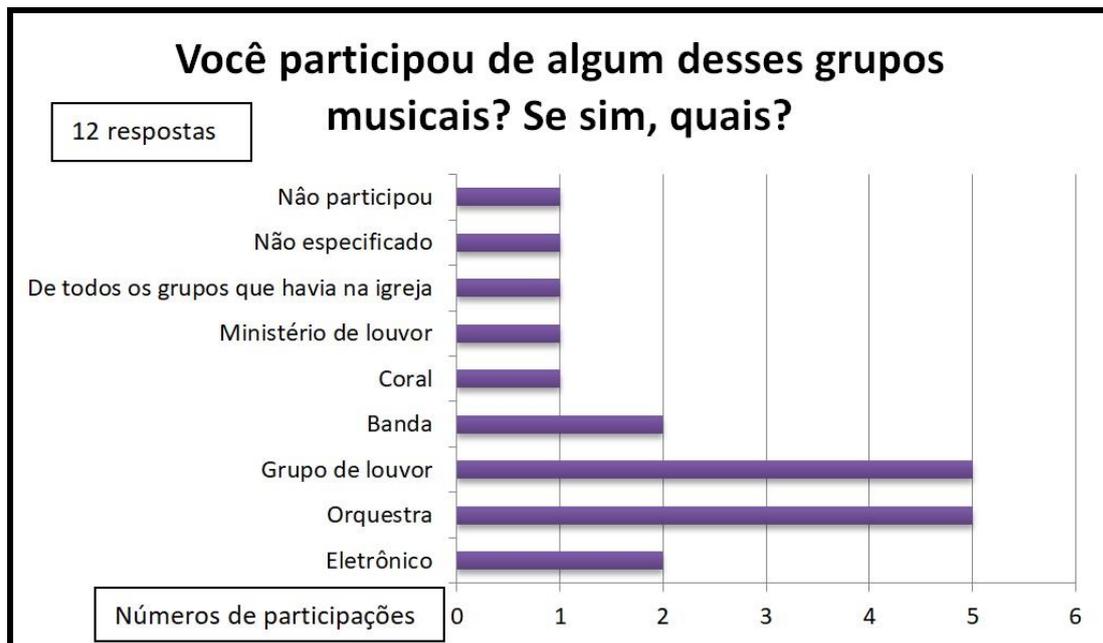
Para estimular o processo de ensino/aprendizagem, o professor criou um grupo chamado *Salmos, Cordas e Palavras*, formado pelos alunos, um flautista convidado, o próprio professor e um poeta da comunidade, que se apresentava nos cultos da própria Igreja Batista e em outras igrejas (p.7).

Tais grupos, formados pelos alunos, por não ter um pré-requisito técnico rigoroso, iniciavam a sua prática musical em conjunto cedo, o que também ajuda no desenvolvimento do estudante. Esse desenvolvimento se dá “observando o outro ou imitando, interagindo aluno-professor e aluno-aluno, e conseqüentemente se desinibindo, ganhando confiança e aumentando a autoestima, que deve se manter bem alta em qualquer processo pedagógico” (LIMA, 2012, p. 21).

Segundo a pesquisa, o grupo musical que liderou foi o grupo de louvor, que consiste em uma banda formada por instrumentos harmônicos, vozes e, por vezes, alguns instrumentos de sopro, como por exemplo: saxofone, trompete, trombone etc. O termo “eletrônico” é usado bastante na Igreja Assembleia de Deus para se referir ao grupo de louvor.

Um expressivo número de músicos que responderam ao questionário participaram de alguns desses grupos:

Figura 7: Grupos musicais que alunos do curso de música do IFPE_ Belo Jardim faziam parte em suas igrejas

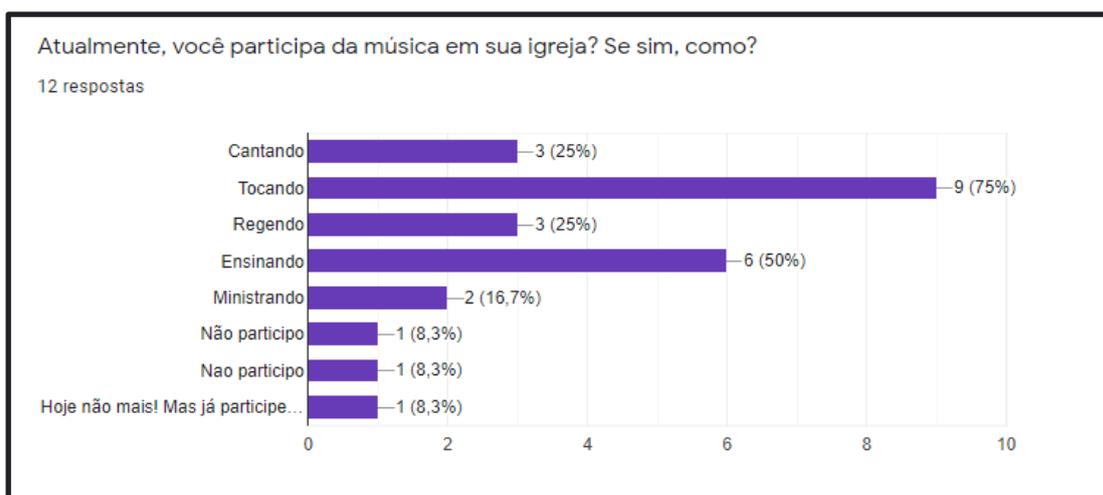


Fonte: Elaboração do próprio autor

É importante ressaltar que, possivelmente, as pessoas que responderam a esse questionário marcaram mais de uma resposta, o que denota a participação dessas pessoas em mais de um núcleo musical da igreja que eles fazem parte.

Além de ter integrado algum ou alguns núcleos musicais em sua congregação, muitos ainda continuam a cooperar musicalmente com a igreja, pois, embora tenham ingressado no curso superior e não estejam mais estudando na igreja, os grupos musicais são laboratórios onde os músicos poderão pôr o conhecimento obtido no meio acadêmico em prática, trazendo, dessa forma, um sentido de continuidade, no que tange aos conhecimentos da igreja para o curso e do curso para a igreja:

Figura 8: Participação dos entrevistados em sua igreja na atualidade



Fonte: Elaboração do próprio autor

O gráfico demonstra que houve maior frequência de participação dos entrevistados nas igrejas que faziam parte no ato de tocar e ensinar. Conforme já mencionado, tocar nos cultos é um dos objetivos da igreja, tendo em vista que a música é de suma importância para os cultos. Segundo Fontoura (2002),

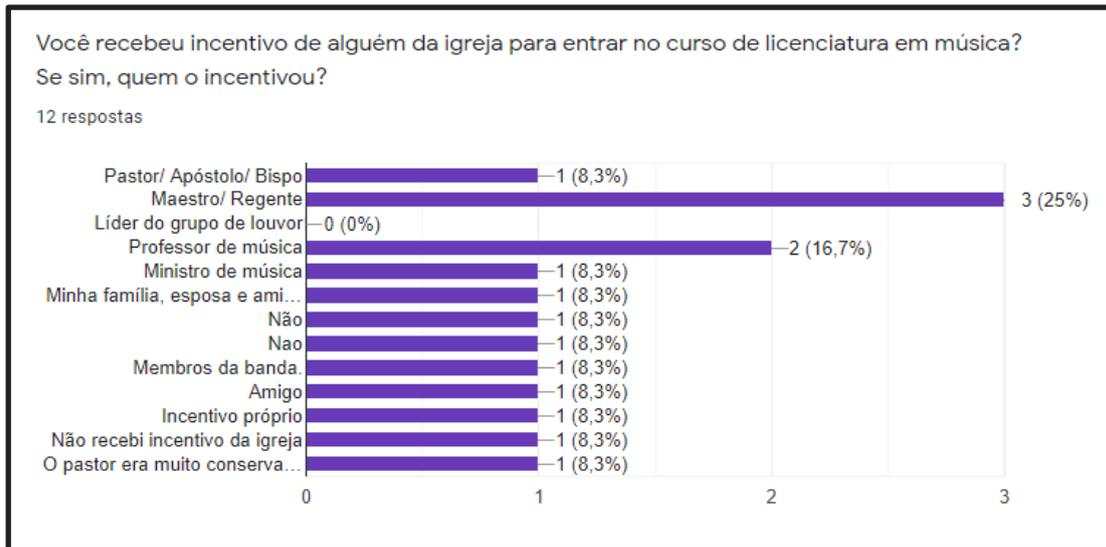
É notória a presença da música como fenômeno sonoro em quase todos os ritos religiosos. No Brasil existem diferentes formas de cultos com heranças de nossos colonizadores e povos de diferentes etnias. A música está presente nas liturgias desses diversos cultos sob forma de canto, dança e instrumentos musicais; executados individualmente, ou em formações instrumentais e vocais diversas (p. 2).

Faz-se mister afirmar que o campo experiencial da música nos espaços religiosos das igrejas protestantes promove uma imersão maior dos seus membros, porque na condição de “[...] aprendiz mobiliza todos os seus conhecimentos musicais em função da prática religiosa” (LIMA, 2012, p. 8), o que também é outro objetivo da igreja na formação de músicos.

5.7 O incentivo para seguir carreira musical

Além do incentivo musical no que diz respeito à prática em conjunto nos cultos, existe a possibilidade da pessoa ser incentivada por alguma pessoa ou grupos de pessoas no sentido de buscar uma carreira na área da música:

Figura 9: Incentivos para entrar no curso de música



Fonte: Elaboração do próprio autor

Muitas vezes o maestro é o professor, situação essa que pode ser observada também no relato de Lima (2012), onde ela fala que “para estimular o processo ensino/aprendizagem, o professor criou um grupo chamado *Salmos, Cordas e Palavras*” (LIMA, 2012, p. 7). Nesse caso, o professor de música se tornou o maestro e poderia ser também chamado de ministro da música, dependendo da denominação da igreja.

6. DIÁLOGOS COM OS DADOS EMPÍRICOS_ ENTREVISTAS

6.1 Perfil das pessoas entrevistadas

O quadro a seguir mostra o perfil de cada um dos entrevistados segundo a sua orientação religiosa; período em que o entrevistado estava cursando no momento da entrevista; sexo; faixa etária; se houve uma conversão ao cristianismo protestante. Se sim, quando ocorreu essa conversão. Além disso, analisamos os perfis dos estudantes a partir daqueles traçados por Travassos (2002), sendo eles: o devotado, o versátil, o empreendedor, o eleito, o adepto da música popular e das fusões, o “brincante” ou entusiasta do folclore e o músico de congregação religiosa. Dentre esses perfis, os que iremos focar são: o adepto da música popular e das fusões e o músico de congregação religiosa, pois esses dois guardam maior aproximação com a realidade dos participantes entrevistados.

Serão utilizados, a seguir, nomes que não correspondem ao nome real dos entrevistados, visando resguardar as suas identidades:

Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Vínculo atual com o curso de música	Faixa etária Idade/Sexo	Denominação Religiosa/Quando se converteu ao evangelho protestante	Perfis traçados por Travassos (2002)
Afonso	1ª metade do curso	30 à 40 anos/masculino	Reformadal/Enquanto criança	Adepto da música popular e das fusões; músico de congregação religiosa
Daniel	1ª metade do curso	30 à 40 anos/masculino	Pentecostal/Já nasceu inserido no meio evangélico	Adepto da música popular e das fusões; músico de congregação religiosa
Pedro	2ª metade do curso	20 à 30 anos/masculino	Reformada/Não se converteu, apenas tocou por algum tempo em uma banda evangélica	Adepto da música popular e das fusões
José	2ª metade do curso	30 à 40 anos/masculino	Pentecostal/Enquanto criança	Adepto da música popular e das fusões; músico de congregação religiosa

Fonte: Elaboração do próprio autor

Como visto no quadro anterior, todos os entrevistados são do sexo masculino, com a faixa etária entre 20 e 40 anos. Metade deles vem de igrejas pentecostais, enquanto a outra metade de igrejas reformadas. Observamos que 75% dos entrevistados participam de uma instituição religiosa desde criança e são músicos de congregação religiosa. Todos os entrevistados são adeptos da música popular.

Os músicos adeptos da música popular e das fusões são aqueles que “não querem estar limitados ao estudo da chamada música erudita” (TRAVASSOS, 2002, p.14). Já os músicos de congregação religiosa, segundo Travassos (2002), são aqueles que tiveram sua iniciação musical na igreja e que atuam nela profissionalmente, com ou sem remuneração. Segundo a autora, “todos os repertórios musicais são classificados por esse músico em dois blocos opostos: ‘música sacra’ e ‘música do mundo’. Os critérios usados na classificação são os

doutrinários e estéticos” (TRAVASSOS, 2002, p.16). Essas duas classificações de Travassos (2002), em algum momento, podem ser incompatíveis, tendo em vista que alguns núcleos religiosos não aceitam que seus membros toquem as chamadas “músicas do mundo”, o que acaba gerando um estado de tensão no indivíduo. Por isso, analisaremos as trajetórias de vida dos entrevistados levando em consideração as fronteiras ultrapassadas, em decorrência dos (des) encontros dos campos experienciais da igreja e da Licenciatura para que os licenciandos pudessem permanecer no curso. As fronteiras ultrapassadas demandam, em alguns momentos, que o indivíduo negocie significados, estabeleça diálogos entre os diferentes campos experienciais e ressignifique as experiências vividas.

Ao falarmos sobre fronteiras que tiveram que ser ultrapassadas, estamos tratando de um estado de tensão a que os alunos foram submetidos, podendo essas tensões ser de ordem doutrinária ou cultural. As tensões no “eu” são geradas quando duas ou mais posições são orientadas em direções diferentes, sendo essas atreladas a tendências sociais e orientações culturais/ religiosas (MARSICO; TATEO, 2017).

6.2 Fronteiras denominacionais

Segundo o relato de Afonso, nos deparamos com uma situação em que ele foi bastante incentivado a não entrar em um curso superior de música, antes sendo mais recomendado iniciar um seminário evangélico.

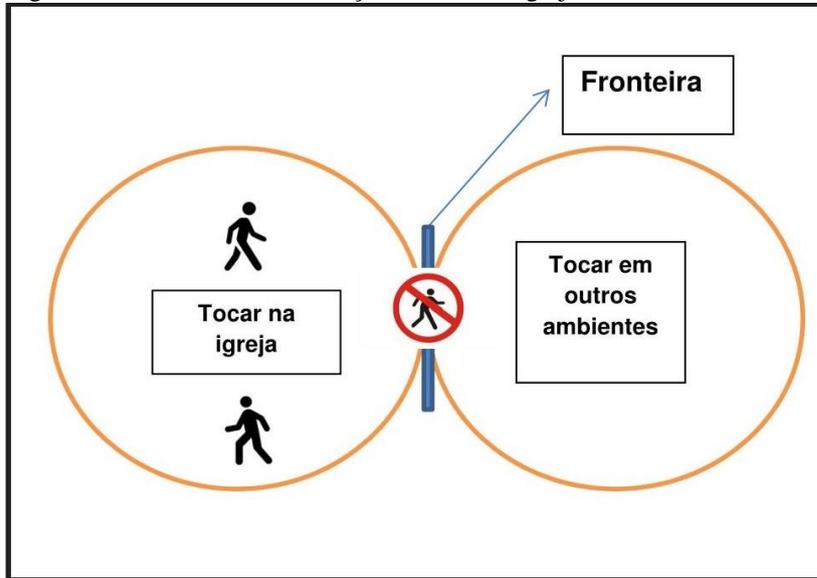
O líder espiritual dessa congregação comprou um saxofone para que Afonso pudesse tocar na igreja e o incentivou a dar aula na congregação que, até então, não tinha professor de música. Isso o forçou a desenvolver a sua percepção musical: “[...] foi o momento que eu tive que começar a transcrever. E esse processo começou a ajudar na questão da percepção: percepção rítmica, percepção melódica [...] Então eu fui, daí, ensinar, né” (AFONSO, 14/10/2021).

Percebemos, então, que Afonso, ao ensinar na igreja, estava se desenvolvendo como músico, e poderia tocar o seu instrumento musical desde que fosse exclusivo para a congregação que fazia parte, estabelecendo, assim, um limite para a sua atuação. Pudemos perceber isso ao perguntar a ele se a igreja o incentivou a iniciar o curso de música:

A igreja resistiu [...] quando fui fazer faculdade, ele chegou para mim e disse: ‘ah, você deveria ir para o seminário’. Porque a reflexão dele seria aqui no seminário estaria ali resguardado, né, de depois não tornar um profissional e tocar fora em outros lugares que não fosse ambiente de igreja, né (AFONSO, 14/10/2021).

Isso quer dizer que não seria aceitável para esse meio religioso Afonso se apresentar fora desse ambiente, pois acabaria tocando as “músicas do mundo” e descaracterizando a exclusividade que os membros devem ter em participar somente dessa congregação:

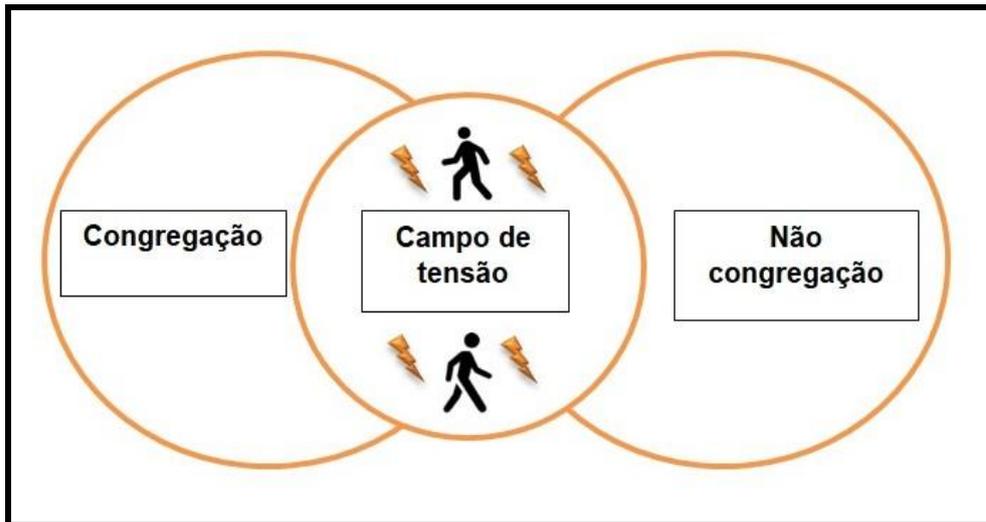
Figura 10: Fronteira entre a atuação musical na igreja e noutros ambientes



Fonte: Elaboração do próprio autor

Observamos neste gráfico que o território que delimita o membro da igreja não deve ser excedido, fazendo assim uma distinção entre grupos de pessoas. Caso a fronteira fosse ultrapassada, sendo essa fronteira denominacional (pois foi estabelecida por uma denominação religiosa), haveria consequências, nesse caso sendo a exclusão da pessoa daquele núcleo religioso. A partir de uma visão tridimensional, a barreira se tornou o lugar em que Afonso cristalizou sua movência, paralisando sua capacidade de escolha, entre o espaço congregação e o que não era a congregação; entre a música sagrada e a profana, gerando fortes tensões e conflitos internos. A sequência da trajetória de Afonso nos coloca diante da representação a seguir:

Figura 11: Estado de tensão gerado por posições ambivalentes



Fonte: Elaboração do próprio autor (2022)

Esse novo lugar que Afonso passou a ocupar se tornou incompatível com a congregação da qual era integrante, gerando um campo de tensão. Ele quebra essa exclusividade que tinha para a igreja a partir desse relato:

Teve um grande amigo que ele foi casar e ele me chamou para tocar. E casou na igreja católica. Isso foi um grande problema porque eu toquei num sábado na igreja católica, e no dia seguinte eu estava tocando lá na igreja que eu fui (AFONSO, 14/10/2021).

Por conta desse acontecimento, o pastor pediu que Afonso ficasse um tempo sem tocar na congregação em que fazia parte, pois, segundo o pastor, as pessoas ficariam confusas por ele ter tocado na igreja católica e pouco tempo depois na igreja evangélica. Partindo da narrativa do entrevistado, pode-se inferir que as pessoas que ali também congregavam poderiam ficar confusas porque o músico exclusivamente religioso ultrapassou a fronteira que definia seu pertencimento àquele grupo.

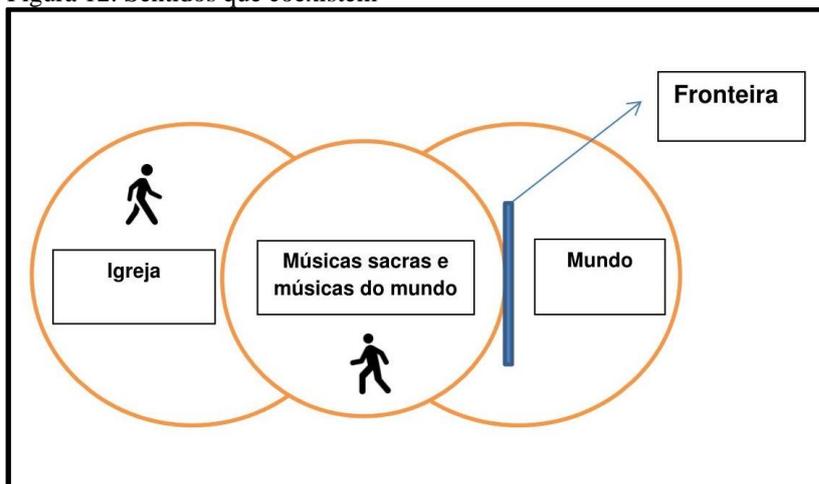
Nesse sentido dialogamos com Tateo e Marsico (2017) ao afirmar que “dentro da nova entidade estabelecida, essas unidades que atendam aos critérios selecionados serão incluídos e adquirirão um valor especial, enquanto os demais que não possuírem essas características serão excluídos” (p.5). Assim sendo, entende-se que no caso de Afonso, houve uma recompensa na ocasião em que recebeu um saxofone por integrar a congregação e, mais adiante, uma punição quando deixou de ser exclusivo da congregação e ultrapassou a linha limítrofe, demarcada pelo que se pode ou não escolher e fazer. A partir desse (auto) entendimento, Afonso rompe, deixando de integrar essa igreja, atravessando a fronteira que o impedia de tocar em outros ambientes e de acessar outros lugares.

Embora, talvez, isso seja recorrente em alguns meios religiosos, vemos um caso diferente a partir do relato de Daniel. Para ele, a igreja teve influência na escolha da carreira musical, pois esse meio desenvolveu uma vontade de estar tocando ali, a partir da observação dos grupos musicais que lá havia:

Quando eu era pequeno, eu via os meninos tocando e eu queria tocar [...] E quando eu fiquei maior, e comecei a ter aulas no conservatório, a minha vontade e o meu propósito era aprender música para poder tocar na igreja, ou poder tocar melhor, ou poder passar o meu conhecimento para os irmãos da igreja que não tinham (DANIEL, 26/10/2021).

Em nenhum momento Daniel comentou acerca de não poder tocar em outros eventos ou músicas que não fossem sacras, mostrando que havia uma certa liberdade para ele no que tange a escolha musical. Nesse aspecto, se comparado com a realidade de Afonso, novos sentidos passam a coexistir:

Figura 12: Sentidos que coexistem¹⁰



Fonte: Elaboração do próprio autor

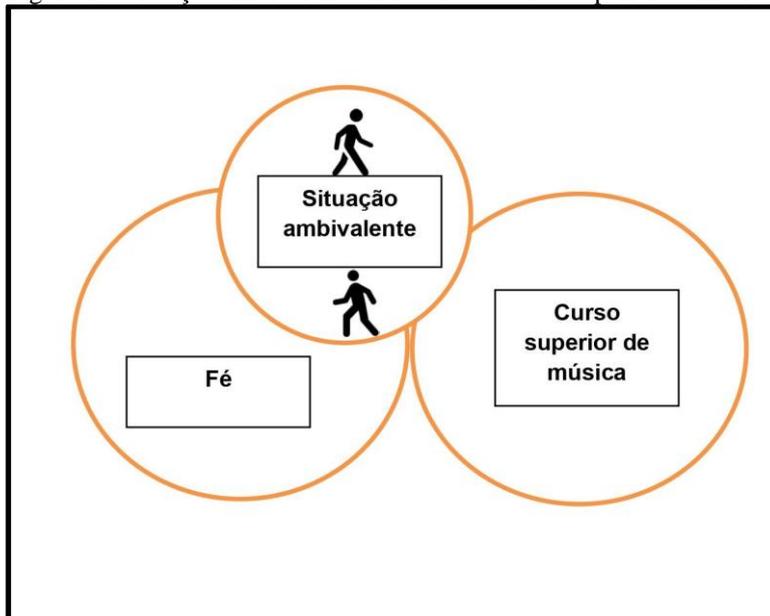
O termo mundo aqui é usado para definir práticas consideradas, em alguns contextos religiosos, pecaminosas, aquilo que vai de encontro ao que está escrito na bíblia, ou aos costumes da congregação. Portanto, o limite para Daniel seria até o ponto em que ele não viesse a se “desviar” da igreja. Um medo que ele alimentava, exercendo uma auto regulação, como veremos a seguir.

¹⁰ Nessa imagem, observamos duas figuras de pessoas em direções opostas, mostrando o movimento dessa pessoa entre esferas de experiências diferentes. A figura da pessoa virada para o lado direito e que está na esfera de experiência “igreja” se movimenta para a esfera de experiência ao lado, assim como a figura na esfera de experiência das “músicas sacras e músicas do mundo” pode se mover para a esfera de experiência “igreja”.

6.3 Fronteira pessoal

Daniel sempre teve grande influência musical de seus pais e do ambiente que começou a frequentar desde a mais tenra idade. Os seus pais cantavam em um coral e escutavam bastantes músicas, e Daniel nasceu integrando uma igreja evangélica e desde criança mostrou interesse pela música e admiração pelos grupos musicais. Entretanto, uma fronteira foi criada pelo o próprio Daniel, sem que houvesse imposição, pelo menos não de forma direta, da instituição religiosa, que consistia na insegurança de adentrar em um curso superior de música e acabar se afastando de sua fé: *“Pessoas que eu admirava muito, que tocavam violão na igreja, guitarra, ou ‘tocava’ baixo ou ‘tocava guitarra’... e não foi só um, foram vários que entraram na federal e ‘saiu’ da igreja”* (DANIEL, 26/10/2021). Esse medo foi criado a partir da observação das experiências de alguns de seus amigos no curso superior de música, o que gerou uma situação de ambivalência em Daniel:

Figura 13: Situação ambivalente entre a fé e o curso superior de música



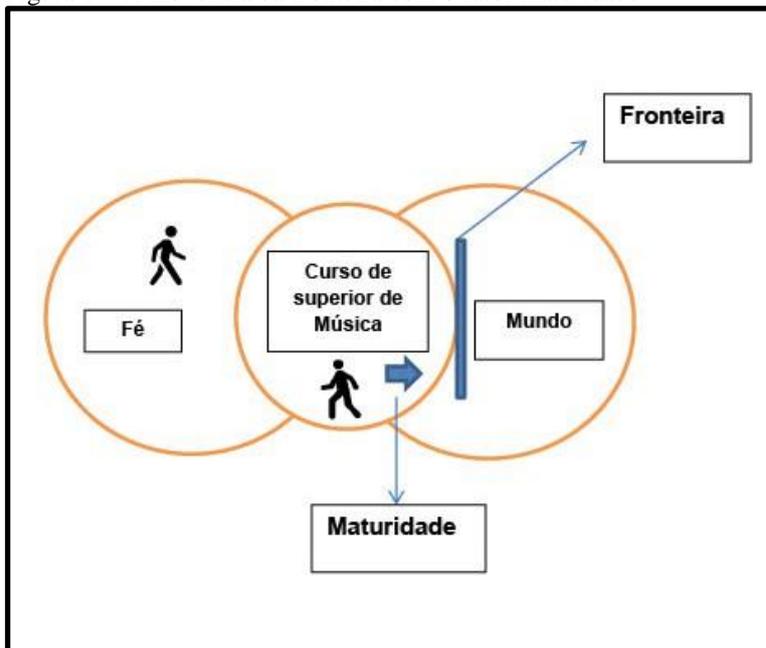
Fonte: Elaboração do próprio autor

A partir dessa imagem observamos a situação ambivalente em que ele se encontrava, conflitado entre duas posições diferentes que até o momento eram incompatíveis. Porém, ambas bastante relevantes no seu campo experiencial; a escolha da sua fé ou do curso superior de música. Essa situação de tensão em que Daniel se encontrava estava mais voltada à fé do que à escolha do curso. Outro fator que também foi relatado por ele, e que foi preponderante para que não escolhesse o curso de música, foi o preconceito que as pessoas tinham em não considerar a música uma profissão. Porém essa situação mudou quando ele terminou outro curso superior e não se encontrou na profissão:

[...] quando eu cheguei na metade do curso eu vi que não era aquilo que eu queria, eu falei: 'poxa, eu não vou jogar o tempo e dinheiro for, vou terminar esse curso' [...] trabalhei na área mas não consegui pegar experiência porque eu trabalhei pouco na área. Então foi quando eu fiquei parado na área (DANIEL, 26/10/2021).

Daniel rompeu com a sua vontade de cursar música por conta da tensão causada pelo medo de perder a sua fé, embora não fosse desejo dele esse rompimento. Após ficar parado na área que tinha se formado, começou a receber incentivo de amigos e familiares para seguir a carreira musical, pois era isso que ele gostava. Foi então que o fator maturidade lhe forneceu elementos para cruzar essa fronteira e acessar outras possibilidades. Contribui dizendo: *"[...] Ai eu também me senti maduro. 'Agora tenho... sou bastante maduro, eu não vou me afastar dos Caminhos do Senhor'. Que o meu medo era esse"* (DANIEL, 26/10/2022).

Figura 14: A movência da fronteira com o fator maturidade



Fonte: Elaboração do próprio autor

O que fez Daniel cruzar a fronteira foi a maturidade dele em conseguir conciliar elementos que lhe pareciam inconciliáveis: a fé e o curso superior de música, reconhecer-se com capacidade de escolhas, percebendo isso como algo integrador da sua natureza ontológica, antropológica e histórica. Dessa forma, ele se desenvolveu em um estado de tensão, onde pode encontrar um equilíbrio entre o que é sacro e o que é profano, sabendo que não perderia mais a sua fé caso entrasse em um curso superior de música.

Embora tenhamos nos deparado com situações de forte tensão entre a igreja, como lugar de professar a fé, manifestada por meio de um determinado conteúdo musical, e no outro “extremo”, o curso de licenciatura em música como lugar de possibilidades de imersão

numa cena cultural diversa, iremos visibilizar a seguir algumas tensões não tão intensas e continuidades enfrentadas por Pedro e José.

6.4 Tensões sutis e continuidades proporcionadas por igrejas evangélicas

Pedro iniciou os seus estudos musicais em uma banda marcial tocando um instrumento de percussão. Depois de algum tempo, entrou em um curso de violão, o qual despertou a sua curiosidade para a partitura, tendo ele recorrido a uma banda sinfônica com o intuito de aprender música em uma perspectiva teórica. Nessa banda sinfônica ele começou a aprender um instrumento de sopro, e com esse instrumento passou a tocar numa igreja evangélica por um curto período de tempo. Segundo Pedro, a igreja lhe proporcionou considerável crescimento musical: “[...] eu pude ter a experiência do grupo, pude ter a experiência de percepção musical, que foi de escutar as músicas para poder tocar de ouvido, né, que a gente fala musicalmente” (PEDRO, 18/10/2021).

Para ele, a banda da igreja proporcionou um desenvolvimento em sua percepção musical e de conhecimentos de novos ritmos: “[...] e a igreja, eles colocaram essas músicas que tem, agora eu sei o nome, que são os grooves” (PEDRO, 18/10/2021).

Vale observar a abertura que esse núcleo religioso tinha para pessoas que não faziam parte de seu meio, diferente do núcleo religioso que Afonso integrava: “aquele espaço que eles dão para convidar outras pessoas em conhecer como é a igreja. Sempre tem essa abertura para eles” (PEDRO, 18/10/2021).

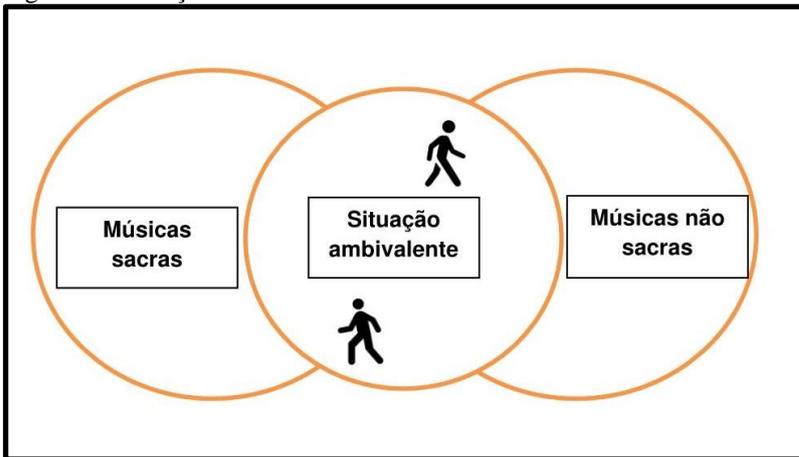
Essa integração que essa denominação teve com pessoas que não congregam com eles proporcionou para Pedro um crescimento musical que contribuiu de forma direta para o seu ingresso no ensino superior de música, promovendo uma continuidade em seus saberes.

Para José, a congregação foi fundamental para que começasse a estudar música: “[...] acredito que seja fundamental para mim porque foi lá que eu tive o primeiro contato visual, né, com a música, vi a orquestra tocando dentro da igreja então foi dali que partiu o interesse em estudar música” (JOSÉ, 26/10/2021).

José iniciou o seu interesse pela música a partir da observação da orquestra que havia na sua congregação, mas o que despertou a sua vontade de ingressar no ensino superior de música foi a banda filarmônica da cidade, a qual ele começou a integrar: “Eu Acredito que o principal fator para estudar música no IF foi a banda de música da filarmônica da qual ainda faço parte” (JOSÉ, 26/10/2021).

Observamos que, embora a banda filarmônica da cidade tocasse músicas que não fossem sacras, José mantinha esse vínculo com a banda, ao mesmo tempo que mantinha com a congregação, sendo eles ambivalentes no que diz respeito ao repertório tocado, porém coexistindo. A imagem a seguir mostra duas figuras de pessoas em direções contrárias, cada uma virada para uma esfera de experiência diferente, denotando a possibilidade que ele tinha de se mover dentro dessas duas esferas.

Figura 15: Situação ambivalente entre músicas sacras e músicas não sacras



Fonte: Elaboração do próprio autor

Essa mesma situação ocorreu quando José ingressou no ensino superior:

O que eu tive que mudar [...] deixar um pouco de lado, na questão musical, foi aquele engessamento de tocar só o repertório da igreja, que nessa igreja nós temos o hinário, e ele tem ali os hinos e a gente não toca hinos além daqueles [...] tive que ampliar bem o repertório (JOSÉ, 26/10/2021).

Essa ampliação do repertório gerou uma tensão, a qual o instigou a cruzar a fronteira de membro da igreja, encontrando uma situação intermediária que melhor se adaptou a sua experiência pessoal enquanto integrante de uma determinada congregação e licenciando em música (TATEO; MARSICO, 2017).

6.5 Aproximações e distanciamentos nos perfis dos entrevistados

No contexto geral analisado, construímos um quadro, a fim de favorecer entendimentos acerca das aproximações e distanciamentos nos perfis dos entrevistados a partir das observações das esferas de experiência, musicalização e contribuição musical, rupturas e continuidades:

Aproximações e distanciamentos nos perfis dos entrevistados

	Afonso	Daniel	Pedro	José
Esferas de experiência	Banda de música/ igreja católica/ igreja evangélica/ curso superior de música	Igreja evangélica/ conservatório de música/ curso superior de música	Banda marcial/ instituto de música/ banda filarmônica/ igreja evangélica/ curso superior de música	Igreja evangélica/ banda filarmônica/ curso superior de música
Onde iniciou a musicalização	Banda de música	Numa igreja evangélica	Banda marcial	Numa igreja evangélica
Rupturas	Rompeu com a igreja quando esta o impediu de participar daquele meio por conta que ele havia ultrapassado uma fronteira	Rompeu o seu pensamento de que se entrasse em um curso superior de música perderia a sua fé	Rompeu e procurou novos núcleos musicais com o objetivo de expandir o seu conhecimento	Moveu a fronteira ao ter que ampliar o repertório que até então eram de músicas sacras
Continuidades	A igreja promoveu um crescimento docente e desenvolvimento em sua percepção musical, algo importante para entrar no curso superior de música; continuou a participar da igreja evangélica após a entrada no curso.	A igreja promoveu a sua musicalização e o despertou a se aprimorar musicalmente para prestar o seu melhor para o crescimento musical da igreja; continuou a participar da igreja evangélica após a entrada no curso.	A igreja promoveu um desenvolvimento de sua percepção e expansão do repertório musical, o que o ajudou a entrar no curso superior de música; não integrava uma igreja evangélica.	A igreja promoveu o incentivo a aprender música através da orquestra que havia em sua congregação e possibilitou o seu primeiro contato com a musicalização; continuou a participar da igreja evangélica após a entrada no curso.

Fonte: Elaboração do próprio autor

7. Considerações Finais

A partir dos dados analisados neste trabalho de natureza investigativa, pudemos observar como a igreja, enquanto espaço microsocial, caracteriza-se como uma esfera de experiência que exerce significativas influências na formação e nas escolhas dos sujeitos, de modo que, em certa medida, acaba afetando diretamente a fluidez da pessoa, característica inerente à natureza humana. Os casos analisados, na perspectiva da trajetória de vida dos entrevistados, visibilizaram os elementos diretamente implicados na vida pessoal e profissional das pessoas que integram um grupo de licenciandos em Música do IFPE, Campus Belo Jardim.

Como observado, as igrejas evangélicas proporcionaram educação musical para os seus congregados, observados no estímulo a seguir carreira musical, na iniciação musical e no desenvolvimento de práticas musicais em conjunto e da percepção musical, bem como na ampliação do repertório musical.

Também observamos, em alguns casos, que as igrejas evangélicas afetam a escolha de seus membros, fazendo surgir um medo paralisante, instigando-os a optarem por não escolher o curso de música e criando uma zona de exclusão para aqueles que não são exclusivos da congregação.

Também pudemos notar que uma parte da forma de ensino-aprendizagem da música nas igrejas acontecem a partir da necessidade de se formar novos músicos para que estes atuem na própria congregação, sendo que, na maioria das vezes, não há uma pessoa com formação acadêmica para dar aula, recorrendo a pessoas não formadas e/ou no início de sua jornada musical para lecionar. Outra parte do aprendizado também acaba acontecendo através da prática em conjunto, com pessoas mais experientes tocando juntamente com os novatos, proporcionando um crescimento musical coletivo, envolvendo, sobretudo, os menos experientes.

Portanto, esse trabalho teve por objetivo visibilizar a contribuição das igrejas evangélicas para o curso de música do IFPE, Campus Belo Jardim; as rupturas e continuidades promovidas pelas igrejas; a porcentagem de alunos oriundos de igrejas evangélicas; perceber as zonas de tensões ocasionadas por situações em que os alunos se puseram ou que foram postos. Dessa forma, espero estar contribuindo para o crescimento musical e humano de pessoas do curso de música que vem de igrejas evangélicas, de modo a promover uma reflexão sobre a prática nesses espaços, e que essas mudanças alcancem tanto as pessoas na esfera de experiência religiosa como as da esfera acadêmica, podendo, assim, encontrar sentidos que possam coexistir.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Bernardo. **Da Reforma Protestante à pentecostalidade da igreja**. São Leopoldo: 2002.

CUNHA, Magali do Nascimento. **“Vinho Novo em Odres Velhos”**. Um Olhar Comunicacional Sobre a Explosão Gospel no Cenário Religioso Evangélico no Brasil. São Paulo, 2004.

FONTOURA, Marcos Aragão; SILVA, Cleide Alves da. **O Ensino de Música na IEADERN - Cidade da Esperança**. Natal/RN, 20--.

FREITAS, Débora. **Educação musical formal, não-formal e informal: um estudo sobre processos de ensino da música nas igrejas evangélicas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2008.

GRAEFF, Nina. **Fundamentos rítmicos africanos para a pesquisa da música afro-brasileira: o exemplo do Samba de Roda**. 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: Inquietações e Buscas**. Editora da UFPR. **Educar**, n. 17, p. 153-176. Curitiba: 2001.

LIMA, Luciana da Silva de. **Educação Musical nas Igrejas: Contribuições Para a Prática Pedagógica em Outros Ambientes**. Rio de Janeiro, 2012.

MALDONATO-TORRE, Nelson. **Sobre La Colonialidad Del Ser: Contribuciones Al Desarrollo De Um Concepto**. Publicado em: *El Giro Decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167. Disponível em: <https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=4_vuQI8AAAAJ&citation_for_view=4_vuQI8AAAAJ:GnPB-g6toBACm>.

MARSICO, Giuseppina; TATEO, Luca. **Borders, Tensegrity and Development in Dialogue**. **Integrative Psychological & Behavioral Science**, 2017.

MESQUITA, Antônio. **Assembléia de Deus no Brasil é a Maior do Mundo**. Publicado em: 02 de jul. de 2011. Disponível em: <https://fronteirafinal.wordpress.com/2011/07/02/assembleia-de-deus-brasil-maior-do-mundo/>. Acesso em: 27 de set. de 2021.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo: 2010.

Número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

PENHA, João Batista Barbosa da. **O Interesse Pela Música Como Escolha Profissional: A Motivação em Igrejas Evangélicas de Ceará- Mirim/RN**. Natal: 2019.

SOUZA, Priscila Gomes de. **A Banda de Música da Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Templo Central em Natal-RN**. Natal, 2009.

SOUZA, Priscila Gomes de. **Um Estudo Sobre Música, Educação Musical e Contexto na Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Natal/RN: Templo Central**. XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. São Paulo, 2014.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Perfis culturais de estudantes de música**. Congreso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular. México, 2002.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Redesenhando as Fronteiras do Gosto: Estudantes de Música e Diversidade Musical**. Porto Alegre: 1999.

VALENTIN, Ismael Forte. A Reforma Protestante e a educação. **Revista de Educação do COGEIME** - Ano 19 - n. 37 - julho/dezembro 2010.

WEINGÄRTNER, Daniela; MÜLLER, Vânia Beatriz. Coeducação Musical e os “Encontros de Flauta Doce”. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.7, n.1, 2019, p.1-17.

ZITTOUN, Tania. **A Socialcultural Psychology of the life-course**. 2016.